

As cores, as formas e seus significados

Maranhense, moradora de Brasília há 24 anos e graduada em história, Verônica Barbosa Jesus Neta, 40 anos, é o nome e a mente criativa por trás da Mina Nagô, marca de acessórios da capital. Durante a graduação, em que, além do currículo do curso, pesquisava e estudava sobre suas raízes afrodescendentes, ela aproveitava para estimular a veia criativa, criando adornos, com os quais presenteava os amigos, que sempre a incentivavam a vender as peças.

Depois da formatura, com a falta de emprego e a necessidade de se manter, Verônica resolveu acatar as sugestões. “Conhecia as peças e as técnicas, somei isso ao que aprendi na graduação, nas minhas leituras, e às minhas memórias afetivas do Maranhão. Me aprofundei em questões afro maranhenses e assim nasceu a marca”, lembra.

Embora seja professora substituta da Secretaria de Educação do DF, a Mina Nagô continua sendo a fonte de renda garantida de Verônica e o que a permite explorar a própria história, ao mesmo tempo em que incentiva que outras pessoas negras façam o mesmo.

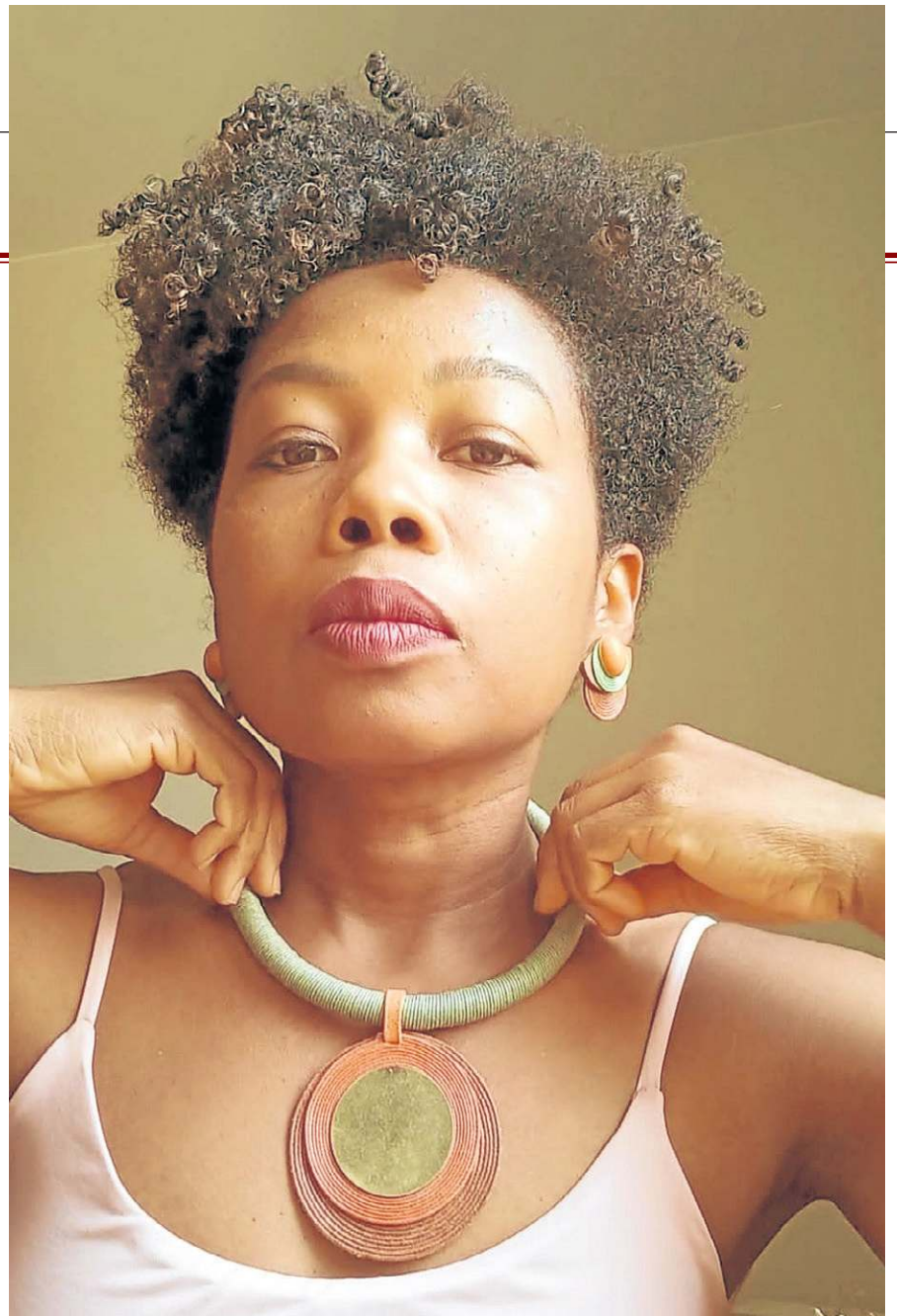
O Tambor de Mina, religião afro-brasileira muito professada no Maranhão, é uma das inspirações que a artista gosta de inserir em suas peças. “É uma maneira de trazer para o meu trabalho algo que me representa e que simboliza as minhas raízes, algo que eu conheço”, comenta.

Além do aspecto religioso, o Mina, do nome da marca, veio de uma investigação da história da diáspora. Os povos originários da Costa da Mina se concentraram no Maranhão, e uma das raízes ancestrais de Verônica se relaciona ao povo nagô, de onde veio o restante do nome da empresa.

“Na minha última coleção, inclusive, eu trouxe uma estética forte da Casa das Minas, um templo religioso no Maranhão que foi fundado por uma mulher negra escravizada, que se acredita que tenha sido Nã Agontimé, uma rainha daomeniana”, conta.

Nessa coleção, chamada Encanto, destacam-se miçangas e contas, usadas, historicamente,

Verônica, criadora da Mina Nagô, usando uma de suas peças



Arquivo pessoal

nas guias que representam os orixás, adotadas no dia a dia por seguidores das religiões de matriz africana e em rituais e festas religiosas.

Origens

Cada uma das cores escolhidas nos acessórios da coleção representam um orixá. O verde é de Oxóssi, o vermelho de Iansã e o amarelo representa Oxum. As formas geométricas, muito características no trabalho de Verônica, também não são um acaso. Cada formato tem relação com a simbologia afro-religiosa. “São símbolos ancestrais, que comunicam a quais grupos étnicos cada pessoa pertence, indicando qual é o meu local, de onde venho e o que represento. É um ato político nosso.”

As peças de Verônica são criadas pensando em mulheres pretas, e ela afirma que, embora não veja problema em mulheres não negras usarem os acessórios da Mina Nagô, faz questão de deixar muito evidente de que as mãos que produzem aqueles adornos são pretas.

“Ao mesmo tempo em que uma pessoa não preta compra esses produtos, ela está alimentando uma pessoa preta. Nas grandes marcas que se apropriam de um símbolo afro, esse lucro vai para a indústria majoritariamente branca e se esgota todo o sentido, se apaga o significado.”

Enquanto cria e vende suas peças aprendendo sobre si mesma, Verônica enxerga o processo vivido por ela e outros negros em Brasília como uma maneira de se apoderar e fortalecer a herança ancestral dos povos negros. “É como se olhássemos para o passado, aprendendo com ele e nos alimentando dessa ancestralidade cultural, do nosso legado, e trazendo isso para nosso trabalho, fortalecendo a nossa ocupação dos espaços”, acrescenta.

A empresária afirma que essa ocupação acontece há centenas de anos, mas sempre passando por tentativas de apagamento ou embranquecimento de um legado essencialmente preto. “Somos os descendentes desse povo dinâmico que se reinventa enquanto tentam nos apagar. Somos agentes e protagonistas que não aceitamos mais que nos tirem essa posição”, completa.